

A mídia regional e o fortalecimento do movimento anti-misto no futebol nordestino¹

Ana Flávia Nóbrega Araújo²
Diogo Lopes de Oliveira³

Resumo:

O presente artigo objetiva compreender o movimento de fortalecimento da resistência nordestina, fomentado pela regionalização da mídia, contra os torcedores mistos e o futebol do Eixo Rio-São Paulo. A mudança do cenário de atenção e valorização ao futebol regional possibilitou um maior desenvolvimento das equipes, da prática e, sobretudo, das massas de torcedores. O texto é um fragmento do trabalho desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, tendo como procedimento metodológico, a abordagem qualitativa, através da busca pelo entendimento dos comportamentos da mídia e dos torcedores. A partir da relação entre hegemonia e subalternidade, notou-se que a regionalização midiática agiu de forma direta no movimento mencionado.

Palavras-chave: Mídia Regional. Torcedores. Futebol. Nordeste. Resistência.

1 Introdução

O futebol tornou-se um importante espaço de formação de identidades e de expressão do nacional ou do regional, de participação e de pertencimento, de emoção e de prazer, de recreação, criação e imaginação (HELAL, 2011, p.14). Este espaço torna-se, também, marcado pela disputas complexas de identidade por ser, como toda atividade esportiva, uma relação social (DÍAZ, 2008, p.13). No jogo e nos meios que dão sustentação ao espetáculo futebolístico, se constituem interações sociais entre grupos e culturas distintos.

Pelo caráter simbólico e social que toma, emergem no futebol diversos movimentos que motivam as massas diariamente a viver seus clubes e o desporto. Entre estes, os movimentos de resistência à hegemonia, para fugir da subalternidade e em busca do protagonismo.

No Nordeste, marcados pela invisibilidade da mídia nacional, distante dos holofotes, o futebol da região fica delegado a estar nos espaços secundários, nunca figurando no protagonismo. A posição hegemônica, porém, não é dada aos clubes e

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Mídia, Esporte e Lazer do XVI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 26 setembro de 2022.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: ana8flavianobreg@gmail.com.

³ Orientador e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: diogolop@gmail.com.

empresas midiáticas centradas no Eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Ela foi uma construção política, econômica e social que atravessou também o desporto. Foi durante a construção do Estado Novo, com maior força, que desigualdades regionais no Brasil se alargaram ainda mais como resultado da política nacionalista, na busca por um Estado-Nação potencializado pelo patriotismo que excluiria as regiões em prol do país. É o resultado de ações burguesas, como a revolução passiva, que manteve as classes populares marginalizadas.

É neste cenário que a regionalização da mídia, movimento que centra as atenções ao regional e ao local, contribuiu para que as relações hegemônicas sejam, aos poucos, confrontadas. É no espaço regional que os subalternos, unidos em um conjunto heterogêneo ligados por seus interesses, encontram motivações para fomentar a resistência. Essa relação ganha força e uma verdadeira militância no dia a dia dos torcedores das equipes regionais que, observando o Eixo Rio-São Paulo como hegemônicos, lutam contra a sua expansão, ainda mais, no cenário regional.

2 Hegemonia e subalternidade

Misto, no futebol, é aquele torcedor que, mesmo possuindo um clube na sua região, estado ou cidade, segue torcendo para um clube distante de sua realidade, consumindo o dia a dia da equipe por intermédio midiático, através de várias telas. Este pode torcer pelo único clube de fora, em geral do Eixo Rio-São Paulo, ou por este e um segundo clube, o da sua cidade.

Nasce como resistência a isso, o movimento de anti-mistos, oriundo das arquibancadas que possuiu legitimação pelos representantes clubísticos e as empresas de comunicação, em especial o Esporte Interativo e o NordesteFC, na transmissão da Copa do Nordeste, e formado por torcedores “com um único amor”, que vivenciam e torcem pelo clube mais próximo, na sua territorialidade, que vivem nos estádios e o cotidiano do clube de perto.

Para os torcedores anti-mistos, os mistos são uma invenção da mídia hegemônica. Sendo assim, apenas um produto da engrenagem.

Por hegemonia e subalternidade, o trabalho presente se utiliza das noções postuladas por Antonio Gramsci. A unidade dialética de hegemônico e subalterno busca

uma abordagem compreensiva da realidade e práticas populares, compreendendo a hegemonia como uma direção e de domínio, enquanto no outro polo, estava que a ideia de subordinação que tinha relação com a dominação, quer seja por coerção e persuasão, subordinação por colaboração e resistência (MUSSI e GÓES, 2016, p.296).

Segundo os estudos de subalternidade, momentos de crise de hegemonia geraram uma mudança de comportamento nas classes subalternas que passavam da passividade política para a posição ativa. Dessa forma, o pensamento de Gramsci continua atual e universalidade (CARPEAUX, 1966), de modo que seus apontamentos a respeito dos problemas no Estado burguês italiano pode ser aplicado em outras realidades.

Na construção da hegemonia no futebol, pode-se observar que os usos de aparelhos, tais quais a mídia, é considerado dominante, enquanto o povo atravessado por tal articulação, é colocado na subalternidade. Isto porque as condições históricas e materiais responsáveis pelas desigualdades regionais no Brasil são resultado de ações burguesas como revolução passiva que manteve as classes populares marginalizadas neste cenário.

A subalternidade era entendida ainda como um contraste ao uso corrente do conceito de classe da época – como um efeito de relações de poder expressado por uma variedade de significados – linguísticos, econômicos, sociais e culturais. O papel da cultura é fundamental neste processo, na medida em que o projeto subalternista buscava diferenciar o uso de classe de seu sentido apenas econômico. Gramsci era relevante, portanto, pois havia elaborado junto à noção de hegemonia o seu par dialético de subalterno, dando uma importância definitiva aos temas da cultura e do senso comum para a sua compreensão e mantendo a política no centro da elaboração, dando-lhe um sentido (MUSSI e GÓES, 2016, p.300).

Os subalternos são como “um conjunto homogêneo, mas sujeitos de diferentes capacidades de autoconsciência e organização” (LIGOURI In DEL ROIO, 2017, p.25). No movimento anti-misto, acima das cores das camisas, as torcidas com a mesma filosofia se unem contra o opositor, o inimigo. Mesmo que divididos por suas camisas, clubes e cores, mantém-se a capacidade de organização em prol de sair da condição e do estado de subalternidade, que, segundo o pensamento gramsciano, não é possível de ser superado sozinhos.

As classes dominantes, por outro lado, possuem um papel fundamental para a sua própria expansão a partir da perspectiva de possuir meios, seja a força do Estado ou de seus aparelhos capazes de disseminar e reproduzir suas ideologias.

Os grupos colocados na subalternidade, aqui compreendidos como torcedores nordestinos, se apoiam em emissoras que centraram as atenções para nichos específicos que, mesmo de forma mercadológica, possibilitaram voz aos marginalizados a partir do futebol e movimentos de identificação, criando territórios de disputas.

Nesses ecossistemas, na relação de torcidas e território geográfico, passaram a subverter a ordem de consumidores passivos que apenas eram afetados e moldados de acordo com os interesses dominantes. Os torcedores tomam consciência e passam a repelir o que vem de fora. Neste caso, a transmissão nacionalizada tanto em espaço geográfico, temas tratados e os atores que fomentam o crescimento fora da espacialidade dos clubes, como os torcedores mistos.

De acordo com Arthur Vasconcelos (2011, p.12), o movimento anti-misto pode ser visto ainda em 2008, presente em arquibancadas através da exposição de faixas com palavras de ordem discriminatórias aos torcedores nordestinos que escolhem times de fora de sua territorialidade. Na ocasião, torcida do Vitória-BA estendeu a faixa com “Vergonha do Nordeste” contra torcedores do Flamengo, na ocasião de uma partida entre as equipes. “Como resposta, jogadores do Flamengo entraram em campo, no seu jogo seguinte, com uma faixa na qual pôde-se ler: “torcida nordestina: um dos orgulhos da nação rubro-negra” (VASCONCELOS, 2011, p.12).

Após o episódio, o tratamento midiático recebido descreveu o comportamento da torcida baiana como agressora e recriminatória, como noticiou o GloboEsporte.com, em matéria referenciada em nota de rodapé. O título e subtítulo rotularam o comportamento, “Faixa agressiva da torcida do Vitória incomoda o Fla” e “Frase “Vergonha do Nordeste” e seta apontando para os flamenguistas provoca repulsa no vice-presidente Kleber Leite”. A matéria limitou-se a ouvir o presidente do clube carioca e não buscou explicar, ou tentar, sobre o movimento das arquibancadas.

Durante a partida, também foram ouvidos gritos de “vai para casa tabaréu”. No vocabulário informal, tabaréu significa pessoas do interior, matutos. O vice-presidente de futebol do Flamengo, Kleber Leite, não gostou do que viu: - É uma loucura. Isso não existe. Este país é muito grande e livre. Cada um tem a sua opção. Não há nada demais que haja aqui torcedores do Flamengo e tampouco em Belém do Pará

alguém torcendo pelo Grêmio. Lamento profundamente por quem tenha feito isso (PEIXOTO, 2008).

Para o pensamento complexo, “a identidade do sujeito comporta um princípio de distinção, de diferenciação e reunificação” (MORIN, 2008, p.120). Neste momento de enfrentamento, existe a necessidade de diferenciação entre o “*nós*” x “*eles*”/“*eu*” x “*outros*”. Ainda segundo o autor (p.121), essa distinção radical e imediata do “*si*”, do “*não-si*”, do “*eu*”, e dos “*outros*” distribui valores: tudo que parte do sujeito subjetivo e suas relações são valorizadas, devem ser protegidas e defendidas. Todo o resto se apresenta como indiferente ou combatido, em uma clara diferenciação entre o exterior e o interior, com apagamento às raízes de si, de sua identidade.

Neste movimento, Vasconcelos (2011, p.70) observa que os torcedores nordestinos se aglutinam em unidade para negar o nacional, em detrimento do regional, salientado nos posicionamentos de *nós x eles*, sendo ‘*nós*’ toda a massa de torcedores nordestinos que são marginalizados pela grande mídia que movimenta o futebol e ‘*eles*’ os torcedores de fora, sejam eles flamenguistas, corintianos, palmeirenses e outros.

Essa delimitação, no campo da identidade e diferença, funciona como um fortalecimento de identidades para reforçar a ideia de uma resistência a outras identidades nacionalistas construídas por intermédio da comunicação, apontada pelos torcedores como responsável direta pelo grande número de torcedores de fora da região para as maiores equipes do país.

Alex Macedo, membro da Torcida Jovem do Botafogo-PB (TJB), em entrevista para a construção deste trabalho, descreve a importância e impacto das transmissões esportivas na formação do sujeito torcedor.

A transmissão em TV aberta dos campeonatos regionais e estaduais seria primordial para o crescimento das torcidas e dos clubes na Paraíba e no Nordeste. Uma criança crescendo e vendo um Clássico Tradição passar todo final de semana na TV, eu tenho certeza que essa criança não ia querer saber de Flamengo e Corinthians nunca na vida dela. Ela ia preferir mil vezes ir para o estádio torcer para o seu time, brincar com o amiguinho que é torcedor de outro time e, assim, se tornar torcedor do clube da sua cidade. Não ter a transmissão em TV aberta do estadual é primordial para a gente ser tão atrasado enquanto torcedores, clubes, federação, tudo. Alex Macedo: depoimento [abril de 2022]

O homem manifesta, em suas relações, traços identitários que agem como elementos distintivos entre si. Neste sentido, ao buscar agir de tal modo a posicionar-se como resistência ao movimento de construção de identidade nacional, o torcedor anti-

misto se posiciona na diferença que é “uma distinção, uma obra de nosso entendimento” (HEIDEGGER, 2018, p.40), visando o distanciamento do pertencimento ao qual eles repelem, neste caso, a bifiliação clubística e associação aos times do eixo, considerados nacionais.

Ainda com relação a diferença, o processo de construção de identidades regionais ocorre, segundo Nilda Jacks (1998 *apud* RODRIGUES, 2009, p.2), no antagonismo entre as diferenças reais ou imaginadas. Essas distinções podem ser verificadas dentro da territorialidade de regiões, estados e, até, grupos sediados na própria nação. A identidade regional passa, então, “a assumir uma unidade com características que, às vezes, camuflam clivagens internas às questões da nação a qual pertence” (RODRIGUES, 2009, p.2).

Os grupos passam a situar suas identidades e desejos nos princípios de inclusão e exclusão. Para Morin (2008, p.122), no princípio da exclusão, “pouco importa quem possa dizer “Eu”, que ninguém pode dizê-lo em meu lugar. Portanto, o “Eu” é único para cada um”. Para os nordestinos, assumir e lutar pelo “Eu” enquanto torcedor da região que valoriza o local é “considerado único e com maior valor”.

Mesmo com as distintas cores que cobrem e dividem as arquibancadas do Nordeste, todos se unem em busca de um único objetivo de fortalecer a região e repelir o diferente. A ação se adequa ao princípio de inclusão é também descrito por Morin (2008, p.122), apesar de ser um comportamento excludente ao diferente. Isto porque, este é o um princípio que se apresenta, “ao mesmo tempo, complementar e antagônico”. O sujeito pode inscrever um “nós” no “Eu”, introduzindo à região como unidade. “O princípio da inclusão supõe, para os humanos, a possibilidade de comunicação entre os sujeitos de uma mesma espécie, de uma mesma cultura, de uma mesma sociedade” (Ibidem), e, neste caso, sujeitos reunidos pelo mesmo interesse de fortalecimento regional.

A inclusão passa a ser interna entre os grupos, e excludente para o que tais torcedores buscam repelir. Como aponta Franco Júnior (2007, p.202) “como tal tipo de guerra se faz no interior de um sistema cultural, envolve grupos restritos que, contudo, se unem diante de um inimigo externo”.

3 O papel da regionalização

Com o fortalecimento da Copa do Nordeste, desde 2013 com transmissão do Esporte Interativo e, posteriormente, NordesteFC (transmissões pioneiras no cenário regional), os clubes nordestinos ensaiaram e vem colocando em prática uma organização que possibilita a presença no cenário nacional com maior força. Fortaleza-CE, Ceará-CE, por exemplo, são os representantes da região na Série A do Campeonato Brasileiro e em competições internacionais como as copas Libertadores e Sul-Americana, respectivamente. Na Série B, divisão de acesso à elite, o nordeste também se apresenta com força maior com Bahia-BA, Sport-PE, Náutico-PE, Sampaio Corrêa-MA, CSA-AL e CRB-AL.

Mesmo com essa presença, os torcedores nordestinos podem observar, em comparativo, o tratamento de invisibilidade que, ainda hoje, os clubes recebem. O tratamento não é igualitário e, em muitos casos, carregados e arraigados de preconceito regional que seguem estigmatizando o Nordeste como o subalterno, foram os motivadores da inserção do sentido coletivo do torcer na região e para a região, culminando em movimentos surgidos nas arquibancadas para rejeitar a cultura de homogeneização proposta pela ideia da identidade nacional pautada na grande mídia.

O sentimento de rejeição ao diferente, neste caso o torcedor misto, passa por níveis de deslegitimação do que representa o torcer. Em entrevistas realizadas com torcedores de três Torcidas Organizadas (TO's) dos quatro clubes que participaram da Copa do Nordeste dentro do período analisado neste espaço, os torcedores descreveram as motivações que os fazem deslegitimar o outro, inclusive dentro da mesma região. Todos os doze entrevistados em entrevistas semiestruturadas observaram que repudiam o ato de torcer por times de fora.

Entre os argumentos utilizados estão: torcer na arquibancada é diferente do que torcer pela TV; a vivência diária dos clubes, em centro de treinamentos, jogos e atividades de torcidas é, para eles, uma afirmação do que é torcer, enquanto os mistos ficariam fadados ao lugar de viver o seu clube por intermédio de telas (televisão, computador, celulares e similares); há ainda a deslegitimação indicando que a forma em que se deu a escolha do time do coração do indivíduo que torce para uma equipe de fora apenas ou em bifiliação clubística foi, de alguma forma, influenciada por fatores externos, nesses casos, elencados pelos ouvidos em depoimento, pela mídia. “Não sabe o que é torcer, não sabe o que é viver o dia a dia do clube, não sabe o que é acompanhar um treino... Infelizmente

é um telespectador, os jogadores nem escutam a voz deles, beira a insignificância. Eu, sinceramente, não consideraria torcedor”, afirmou Alex Macedo. [Depoimento: Abril de 2022].

De acordo com Franco Júnior (2007, p.200-202), a diferenciação alimentada pelos anti-mistos faz parte do campo simbólico do qual o futebol está inserido. Isto porque, assim como toda organização, os torcedores possuem no seu interior tensões entre os grupos que compõem as torcidas, que fomentam as bases sociais das rivalidades futebolísticas. Assim, a diferenciação entre “nós” x “eles” parte para campos diversos que têm como processo geral a desumanização do outro.

Diante das entrevistas, os torcedores, mesmo que separados por camisas e cores diferentes, possuíam um argumento comum de desvalorizar o torcedor de clubes de fora da região por não participarem ativamente da vida do clube e não frequentarem os estádios de forma constante. Franco Júnior (Idem) descreve: “A guerra simbólica do futebol tem como personagens centrais homens jovens e fortes distribuídos em pequenos grupos (times) que se enfrentam, mas se unem para combater o estrangeiro”.

Visando essa crescente tomada de consciência dos torcedores e entidades clubísticas do Nordeste a respeito do tratamento da grande mídia, movimentos de regionalização da mídia são valorizados e ganham mais espectadores e apoiadores.

Da sala de casa às feiras, bares, comércios ou uma simples fila em uma padaria, a influência exercida pela mídia estaria presente, numa consolidação de pauta a ser debatida de forma generalizada, com uma ideia de conexão entre os indivíduos, proporcionada por intermédio midiático. A presença desses códigos de promoção e publicidade da identidade nacionalista, no entanto, não indicam o que ela será quando recebida e decodificada pelos seus usuários. É ainda necessário analisar a manipulação dos códigos pelos praticantes que não o fabricam (CERTEAU, 2009, p. 39) e, ainda assim, fazem uso dessa produção. Há, então, uma modificação da ordem vigente.

No caso analisado, os torcedores nordestinos anti-mistos seguem recebendo o mesmo conteúdo nacional que os demais torcedores, porém subvertem a ordem, utilizando destes discursos com a finalidade de afrontar e questionar essa hegemonia. É uma rejeição para além de encerrar o consumo, apenas. Esse tipo de usuário é classificado

como passante, que está para além das fronteiras limitadas e desafia a ordem, subvertendo-a, uma espécie de antidisciplina (CERTEAU, 2009).

Diante disso, os anti-mistos originaram os discursos de resistência e se utilizam das imposições da mídia dominante na tentativa de criar e fortalecer movimentos contrários, de reinventar a ordem vigente. Segundo Barros,

O homem comum dá ensejo, através de operações diversas, ao que Certeau denominou “reinvenção do cotidiano”. As “táticas” inventadas pelo indivíduo comum confrontam-se, dessa maneira, com as “estratégias” veiculadas pela indústria cultural e pelos grandes sistemas de manipulação e dominação do mercado consumidor. Ao rediscutir a invenção criativa de táticas por parte das pessoas comuns, por oposição à ideia de que estas sofrem passivamente a manipulação imposta pelas estratégias produzidas ao nível dos grandes sistemas culturais (2011, p. 42).

Essa subversão à ordem pode ser considerada como estratégia na construção de novos caminhos na base do crescimento do cenário esportivo nordestino frente a hegemonia já construída da região sudeste, uma “maneira de fazer” a construção desse novo cotidiano não dado, mas que se constrói a partir das táticas estabelecidas.

Foi a partir de 2013, com a transmissão pioneira da Copa do Nordeste pelo Esporte Interativo, que o futebol regional se viu valorizado, em sua essência. As transmissões de todos os jogos, com cobertura de pré e pós-jogo, debates em programas durante a semana na grade de programação da emissora possibilitaram aos torcedores nordestinos viver, de fato, o seu futebol e se desligarem da influência de fora para consumir o seu produto.

Na competição, as imagens que formam o imaginário nordestino estiveram presentes. Elementos de xilogravura, cordel, forró, cangaço e imagens folclóricas fortaleceram o discurso regional fomentado pela empresa, com campanhas como “O Nordeste Merece”, “O Nordeste tem time para torcer”, “Livre para torcer” e outros, gerando identificação com os torcedores da região.

4 Massa e poder: a construção do futebol e força regional

Canetti (2019) percebe a massa em dois sentidos: aberta e fechada. Na primeira, “a massa natural é a massa aberta: fronteira alguma impõe-se ao seu crescimento. Ela não reconhece casas, portas ou fechaduras; aqueles que se fecham a ela são-lhes suspeitos”. Além disso, ela é capaz de crescer “até o infinito, está em toda parte e, por isso mesmo, reclama um interesse universal” (CANETTI, 2019, p. 14). Esse tipo de massa, no entanto, só existe enquanto há o crescimento, após atingir o patamar almejado, a massa se desintegra.

Por outro lado, se apresenta a massa fechada que, neste trabalho, compreende-se a massa de torcedores nordestinos que buscam a saída da situação de subalternos.

Esta renúncia ao crescimento, visando sobretudo a durabilidade. O que nela salta aos olhos é, em primeiro lugar, sua fronteira. A massa fechada se fixa. Ela cria um lugar para si na medida em que se limita; o espaço que vai preencher foi-lhe destinado. Tal espaço é comparável a um vaso no qual se derrama um líquido: sabe-se de antemão a quantidade de líquido que ele comporta. [...] A fronteira impede um crescimento desordenado, mas também dificulta e adia a desintegração. O que sacrifica assim em termos de possibilidade de crescimento, a massa ganha em durabilidade. Ela se encontra protegida de influências exteriores que lhes poderiam ser hostis e perigosas. Aquilo, porém, com que ela conta muito especialmente é a repetição. Graças à perspectiva de voltar a reunir-se, a massa sempre se ilude quanto a sua dissolução. O edifício espera por ela, existe por sua causa, e, enquanto ele existir, as pessoas voltarão a reunir-se de modo semelhante. Mesmo na maré baixa, o espaço lhes pertence, e, vazio, ele lembra a época da cheia (CANETTI, 2019, p. 14).

Diferente da dimensão aberta, com foco no crescimento ao universo, os torcedores nordestinos possuem aspirações menores, com um espaço delimitado ao qual querem que a sua massa cresça. A sua fronteira é o próprio Nordeste. Para estes torcedores, o objetivo não é crescer e tomar todo o país, transformar os torcedores de demais regiões em companheiros de arquibancada no amor pelo clube do estado. Mas conquistar as massas no espaço que lhes cabe.

Essa ideia, no entanto, não exclui o desejo e, como descreve o autor, a “ânsia de destruição”. Mesmo semelhantes por serem nordestinos, os torcedores mistos, descritos neste espaço, são alvo da vontade de extinção e, a partir disso, passam a fazer parte da massa secundária, a massa regional. Para isso, muitos movimentos oriundos das arquibancadas enquadram-se no que Canetti (2019) expõe “a destruição de imagens representando algo é a destruição de uma hierarquia que não se reconhece mais”.

Presente na Série D do Campeonato Brasileiro por dez anos, o Campinense Clube conseguiu o acesso para a série C em 2021. Mesmo não disputando espaço direto com os torcedores da elite do futebol brasileiro, na Série A, movimentos de arquibancada, que não são exclusivos desta, pedem aos demais torcedores que, no ambiente do estádio, apenas camisas do clube sejam utilizadas (Fig.2). Rubro-negro e do interior, a Raposa possui, entre seus torcedores, um grande número de flamenguistas e são paulinos, pela similaridade em cores, utilizam as camisas do clube carioca e paulista para torcer pelo time da terra. Atitude repudiada por torcedores e, em seguida, adotada também pela instituição (Fig. 3).

Figura 2 – Movimento de torcedores em prol da padronização nas arquibancadas, repudiando o uso de camisas dos clubes de fora



Fonte: Disponível em: Redes Sociais @tropa_rcl.

Figura 3 – O próprio clube adotou o posicionamento anterior de seus torcedores



Fonte: Disponível em: Redes Sociais do Campinense Clube

Com esses comportamentos, Canetti (2019, p. 18) observa que há a chamada recondução da massa estilhaçada, dividida. Estes – os mistos –, por sua vez, podem repelir e não seguir os discursos uma vez que “odeia suas prisões futuras, as quais sempre viu como prisões. Aos olhos da massa nua, tudo parece uma bastilha”.

Mesmo enquanto massa fechada, há momentos em que as torcidas nordestinas alcançam a transformação em massas abertas. A este movimento, o autor chama de erupção. E podemos observar com o comportamento de torcidas de clubes nordestinos que chegaram ao patamar de disputar os holofotes nacionais com os demais clubes que, historicamente, ganharam esse espaço.

Trata-se de um fenômeno frequente, mas não se pode entendê-lo num sentido puramente espacial. Em geral, seu aspecto é o de uma massa transbordando de um espaço no qual se encontrava bem protegida para a praça e para as ruas de uma cidade, onde, atraindo todos para si e exposta a tudo, ela se movimenta livremente. Mais importante, porém, do que esse processo interior é o fenômeno exterior correspondente: a insatisfação com o caráter limitado do número de participantes; a vontade súbita de atrair, a firme e apaixonada disposição de atingir a todos. [...] A massa não se contenta mais com condições e promessas pias; deseja vivenciar ela própria a grandiosa sensação de sua força e quando se lhe oferece em termos de oportunidades e demandas sociais (CANETTI, 2009, p. 20).

Em outubro de 2019, o Fortaleza-CE criou a campanha “anti-mistos” em seu restaurante, Cantina 1918, antes da partida contra o Flamengo. Com o objetivo de valorizar as pessoas que torcem por um único clube, a equipe cearense excluiu do cardápio o sabor de pizza mista. Nas redes sociais, a cantina escreveu “As demais pizzas continuam [...], porque você pode torcer para quem quiser, até para o rival, mas que seu coração tenha um único dono. Retiramos a pizza mista porque o nosso amor é singular”.

Além disso, uma imagem do Cristo Redentor foi exposta na ocasião da partida. No primeiro momento, o mosaico com a representação da estátua portava a camisa rubro-negra e, em seguida, a camisa tricolor do Fortaleza-CE tomava o espaço (Fig.4). A ação ocorreu para valorizar o time da casa. A ideia era que os torcedores que possuem a bifiliação clubística, defendendo duas camisas, passasse a privilegiar e valorizar apenas uma, a de seu estado. A atitude, no entanto, foi criticada por jornalistas sudestinos que interpretaram a ação como violenta e desnecessária com os torcedores considerados mistos. O jornalista da ESPN, Mauro Cezar Pereira, chegou a afirmar que era uma forma de perpetuar uma espécie de xenofobia reversa.

Figura 4 - Mosaico de torcedores do Fortaleza muda a camisa do Cristo Redentor



Fonte: Disponível em <https://cearanoticias.net.br/2019/10/17/torcedores-do-flamengo-reagem-a-mosaico-do-fortaleza/>

No mercado capitalista, seguindo os preceitos da identidade fluída na pós-modernidade, a ação foi uma forma de disputar o torcedor que é, antes de tudo,

consumidor. A indústria do esporte estrutura-se e estuda as mais variadas faces do mercado para conhecer o processo de decisão de todos os torcedores, neste momento cada torcedor é considerado vulnerável e disponível nos ambientes de disputa. Desse modo, as estratégias precisam ser eficazes na constante luta entre os concorrentes.

Nessa nova era, todos os torcedores são inconstantes; e todos os torcedores estão em jogo. Os concorrentes se empenham cada vez mais em guerra total pelo dinheiro, pelo tempo e pela preferência dos torcedores. Os executivos do mundo do esporte enfrentam hoje um novo nível de competição, uma verdadeira corrida para sobreviver num mercado assoberbado pelas opções, e uma batalha para definir, atrair e manter a fidelidade dos torcedores cada vez mais inconstantes (REIN et al., 2008, p. 20).

Irving Rein, Philip Kotler e Ben Shields buscam definir na obra “Marketing Esportivo: A reinvenção do esporte na busca de torcedores” (2008) os torcedores inconstantes e o mercado dinâmico que são o foco da indústria do esporte:

São incontáveis os fatores e as forças que pesam na decisão de quem adora esportes sobre comparecer a um evento, passar a tarde assistindo a um jogo na televisão ou mesmo de se envolver em atividades relacionadas a determinado tipo de esporte. O torcedor inconstante faz parte de um mercado dinâmico ao qual podemos atribuir as seguintes características: 1- ambiente competitivo; 2- torcedores com expectativas elevadas; 3- paradoxo comercial; 4- novas tecnologias; 5- individualismo; 6- mudanças na estrutura e no comportamento das famílias; 7- falta de tempo (REIN et al., 2008, p. 21).

São estes torcedores o foco principal das campanhas anti-mistas que saíram da arquibancada, foram legitimadas pelas empresas de mídia que se propuseram a transmitir o futebol regional e, conseqüentemente, defender seus interesses em prol do fortalecimento e, por fim, dos próprios clubes que tomaram conhecimento direto sobre a tomada de decisão dos torcedores inconstantes.

Em 2022, a torcida do Ceará também repudiou os torcedores flamenguistas que lotaram o espaço direcionado a eles para a partida entre Ceará e Flamengo, no dia 14 de maio. Nas arquibancadas, os cearenses do Vozão replicaram uma música originária da torcida do Goiás, cantavam “Misto! (x5) Tu nasceu no Ceará, vira-lata traidor”⁴. Neste momento, disputando o mesmo espaço que o Flamengo, as massas das torcidas cearenses

⁴ Disponível em

<https://twitter.com/chagasiann/status/1525496996865400834?s=20&t=o1GPEu0wZCLyH8d0UHlgMg>

medem forças em prol da continuidade e de mais força. “Quanto mais próximas elas forem em força e intensidade, tanto mais longamente sobreviverão ambas as massas a medir-se” (CANETTI, 2019, p. 22).

Para além dos que compõem tais massas citadas que repelem o torcedor misto, Canetti explica que um dos traços mais notáveis das massas é o sentimento de perseguição, “onde tudo é interpretado como proveniente de uma inabalável malevolência, de uma disposição hostil à massa: um propósito já firmado de, aberta ou dissimuladamente, destruí-la” (p.22). À medida em que compreendem a relação entre hegemonia e subalternidade, as massas passam a agir contra as ameaças que lhes atingem.

A fim de explicar esse sentimento de hostilidade e perseguição, tem-se mais uma vez de partir do fato básico de que a massa, uma vez surgida, deseja crescer velozmente. Dificilmente com a qual a massa se propaga. Enquanto sente que está crescendo – em situações revolucionárias, por exemplo, que principiam com massas pequenas, mas extremamente tensas –, tudo que se contraponha a esse seu crescimento é por ela percebido como cerceamento (CANETTI, 2019, p. 22).

Canetti descreve dois tipos de ameaças às massas: externas e internas. O ataque exterior fará a massa mais forte. É o exemplo de quando torcedores, instituições ou entidades do eixo Rio-São Paulo, ou até fora dele, englobando também o sul do país, atacam, de alguma forma, o futebol nordestino. Quando ocorre, a massa nordestina rapidamente se une em prol de repelir o intruso e se mostrar mais forte pela unidade. E são, também, “alimento da massa” (CANETTI, 2019, p. 23).

Já a ameaça interna é vista como os torcedores mistos que, mesmo dentro da mesma torcida, não possuem os mesmos interesses únicos, um só amor, uma só camisa. “O ataque proveniente do interior, pelo contrário, é realmente perigoso. [...] O ataque proveniente do interior apela a desejos individuais. A massa o sente como um suborno, como “imoral” visto ir ele de encontro a sua clara e límpida disposição básica” (Ibidem).

Ainda segundo o autor, quatro propriedades fundamentais da massa são descritas. 1) A massa quer crescer sempre, já descrito; 2) No interior da massa reina a igualdade, já que é o sentimento de igualdade que tornam os indivíduos em massa; 3) A massa ama a densidade, onde “nada deve obstruí-la, nada deve interpor-se” (p.31); 4) A massa necessita de uma direção, considerando que a massa está em constante movimento, ela precisa movimentar-se e avançar para uma direção.

A direção comum a todos os seus membros fortalece o sentimento de igualdade. Uma meta exterior aos indivíduos é idêntica para todos,

soterra as metas particulares e desiguais que significariam a morte da massa. A direção é imprescindível para a sua durabilidade. O medo da desagregação, sempre vivo nela, torna possível guiá-la rumo a quaisquer metas. Enquanto possuir uma meta inatingível, a massa persiste (CANETTI, 2019, p.31).

Tal direção pode ser descrita neste espaço pela representatividade que a Copa do Nordeste assume enquanto entidade representativa, isto porque a competição tornou-se um meio, segundo torcedores, para tornar o Nordeste forte.

5 Considerações finais

Com essa finalidade, a Copa do Nordeste, para além dos canais que a transmite, configura e aglutina seus torcedores por intermédio de afastamentos e reaproximações. Afastamento do exterior e reaproximações com o Nordeste profundo, nas suas mais variadas usabilidades de imagens e discursos para representar a região.

O aparecimento e força das torcidas nordestinas nos últimos anos, a partir das representações e força no cenário nacional a partir do Nordestão mostra o que Canetti (CANETTI, 2019, p.38) formula “quanto mais tempo [a massa] permanecer estanque, tanto mais longamente essa massa sentirá e exibirá a sua densidade”, compreendendo por densidade a massa que cresce com maior velocidade. Sem atingir este patamar de reconhecimento e de descarga, “não se pode dizer que anteriormente havia ali, de fato, uma massa” (Idem, p.39). Para o autor, os gritos de hoje, da massa que não mais se cala contra a hegemonia, é a voz da massa.

Na trama discursiva, mesmo buscando situar o Nordeste em posição de protagonismo, as empresas que regionalizaram suas atenções, se articulam referenciando termos que remetem a um passado de dor, miséria e tendo a superação como escape para gerar identificação. Um mergulho na história secular da região para se utilizarem do imaginário do nordestino sendo, antes de tudo, um forte – parafraseando Euclides da Cunha – para motivar os torcedores, colocados na subalternidade, também como fortes para resistir à hegemonia e buscar fortalecimento.

Não há evidência que as empresas se coloquem como representativas ao ponto de resolver lutas entre as classes, até porque, foge da sua concepção originária capitalista. Mas ambos, tanto o Esporte Interativo como o NordesteFC, se utilizam de imagens,

símbolos e discursos com o intuito de representar a libertação desses oprimidos à ameaça exterior que os colocou na condição de subalternos por anos.

Como podemos notar, “a reprodução das tradições não exige fechar-se à modernização” (CANCLINI, 2019, p.238). Ainda segundo Canclini (Idem) “nem a modernização exige abolir as tradições, nem o destino fatal dos grupos tradicionais é ficar de fora da modernidade” (Ibidem, p.239). A tradição pode fazer parte da sociedade em um contínuo processo de coexistência onde podem ser, inclusive, fonte de prosperidade econômica como ocorreu com as empresas que se utilizaram dela para consolidar-se no mercado competitivo.

São estratégias que se utilizam de um Nordeste situado na criação imagético-discursiva para gerar identificação com quem recebe a mensagem, para quem ela é direcionada: os torcedores nordestinos. Todo enunciado se insere na rede de memórias que lhe dão sentido e se tornam representativos. A partir das entrevistas de torcedores paraibanos, percebe-se que tanto o Esporte Interativo como o NordesteFC, acompanham as mudanças sociais, econômicas e culturais da região onde atuam, auxiliando os torcedores, em um movimento mútuo de benéficos, para superar a situação subalterna.

Referências

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora USP, 2019.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. As artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DEL ROIO, Marcos. A mundialização capitalista e o conceito gramsciano de revolução passiva. In: **Marx, Gramsci e Vigotski**: aproximações / organizadores: Sueli Guadalupe de Lima Mendonça, Vandeí Pinto da Silva, Stela Miller. Araraquara, SP: Junqueira&Marin; Marília, SP: Cultura Acadêmica, 2009.

DÍAZ, Álvaro Rodríguez. **El deporte en la construcción del espacio social**. Madrid: 2008.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol** – Dimensões históricas e socioculturais

do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e diferença**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.

HELAL, Ronaldo. **Futebol, jornalismo, e ciências sociais: interações/ Organização**, Ronaldo Helal, Hugo Lovisolo e Antonio Jorge Gonçalves Soares. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo - neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

REIN, Irving; Kotler, Philip; Shields, Ben. **Marketing Esportivo: A Reinvenção do Esporte na Busca de Torcedores**. Bookman: 2009.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **Identidade futebolística: os torcedores “mistos” do Nordeste**. Dissertação de mestrado, PPGS/UFC, 2011.